

Papo de ecochato é para essas coisas

Categories : [Marcos Sá Corrêa](#)

Coisas simples e naturais, como NVIDIA, 2.53 GHz e Serial ATA, que apesar de ininteligíveis sempre nos convenceram de que estamos diante de um computador de última geração, não bastam para explicar as vantagens do [MacBook Pro](#), novo notebook da Apple. Ele vem com [Relatório Ambiental](#), duro de ler como qualquer manual técnico, mas igualmente incontroverso.

Ele se ancora em gráficos mostrando quanto, em sua breve existência terrena, o notebook despejará na atmosfera. Serão, nem mais, nem menos, 560 quilos de CO₂. O que não quer dizer muita coisa, pelo menos para quem não sabe que essa meia tonelada de carbono é mais ou menos a metade do que cada ser humano emite ao longo de sua passagem pelo planeta. Mas isso o relatório não diz, talvez para não melindrar os fregueses.

Alumínio e vidro

Basta acreditar que é pouco. Isto é, bem menos do que exalava na geração passada. E o MacBook Pro, por mais sucesso que faça, não inundará o mercado com números tão avassaladores quanto os da população mundial, que já passa dos 6,7 bilhões, e marcha para os sete bilhões no começo da próxima década.

E ele nasce com tudo previsto, passo a passo. Declara que emitiu 51% de sua cota total de CO₂ antes de sair da fábrica. Gastará outros 38% nas mãos do proprietário. E, no fim da vida, quando chegar à reciclagem, exalará mais 1%, como último suspiro.

Até lá, seu consumo de eletricidade estará contido por 87,9% de eficiência energética. Seu corpo, com 730 gramas de alumínio e 122 de vidro, “materiais altamente desejados por recicladores”, tende a deixar o mínimo de resíduos para trás, quando sair definitivamente da tomada elétrica. É menos plástico para descartar depois. Sua embalagem, com 28 gramas de polipropileno expandido e 332 de polistireno de alto impacto, também usa pouco plástico e muito papel – precisamente, 1.076 gramas de papel e papelão, prontos para reciclagem.

Veneno x elegância

Seus monitores livraram-se do arsênico e do mercúrio. A caixa aposentou a substância química que usava para retardar a propagação do fogo em suas carcaças. Em suma, o notebook desintoxicou-se. E fez isso exatamente dois anos depois que a Greenpeace, com a fanfarra de praxe, reprovou a política ambiental da Apple, botando-a em último lugar entres os grandes fabricantes mundiais de computadores portáteis, mapeados em testes de laboratório que mediram os teores de tóxicos e poluentes escondidos “sob o desenho elegante” dessas engenhocas aparentemente inofensivas. A HP, por exemplo, perdeu vários pontos nesse exame.

Mas a Apple foi apanhada pela Greenpeace no momento em que preparava o lançamento do primeiro iPhone. E teve que engolir a maior o humor ardido da Greenpeace em doses industriais. Publicado em anúncios feitos à imagem e semelhança de sua publicidade, o resultado da pesquisa saiu na ocasião como se fosse propaganda do “iLixo”. Ou do “[iVeneno](#)”. E acendeu uma campanha de publicidade, pedindo aos consumidores que dessem preferência a “maçãs verdes”.

A Apple acusou o golpe. Seu presidente Steve Jobs, em pessoa, foi para a internet dizer que a Apple prometia descontaminar o MacBook o mais depressa possível. E foi isso que fez. Aproveitando para promover uma reformulação geral de seu produto, cuja estrutura passou a ser esculpida numa única peça de alumínio – tornando seu esqueleto mais mais rígido e durável do que o de plástico.

Jobs reagiu depressa porque não poderia deixar sua marca, símbolo de tecnologias inovadoras, na sombra do atraso ambiental. Nem todo dono de empresa seria tão suscetível a esse tipo de denúncia quanto ele. E, ao piscar primeiro, deixou claro que os ambientalistas finalmente aprenderam como o mercado funciona. E vice-versa. Daí para chegarà soja cultivada com desmatamento na Amazônia é um pulo.